


# ***A tripartição da retórica no cinismo de Diógenes de Sínope***

***The tripartition of rhetoric in the cynicism of Diogenes of Synope***



BORGES, George Felipe Bernardes Barbosa \*

 <https://orcid.org/0000-0001-9271-8228>

**RESUMO:** O cinismo se notabilizou na antiguidade por ser uma escola marcada pelas *χρεῖαι*. Elas constituem um certo valor histórico, literário e filosófico por narrarem o modo de vida dos filósofos cínicos. Ao nos debruçarmos sobre as *χρεῖαι* é possível encontrar um modo bem peculiar de se fazer filosofia – por meio do humor. Diógenes, usando de um expediente retórico único implementa o que chamamos de pedagogia do riso, uma forma de transmitir os princípios filosóficos da escola utilizando-se cômico. Este artigo propõe uma análise e uma estruturação da retórica performática de Diógenes através das *χρεῖαι*.

**PALAVRAS-CHAVE:** cinismo; filosofia; cômico; retórica; ética.

**ABSTRACT:** Cynicism was notable in ancient times for being a school marked by *χρεῖαι*. They constitute a certain historical, literary and philosophical value because they narrate the way of life of the cynical philosophers. When looking at *χρεῖαι* it is possible to find a very peculiar way of doing philosophy – by way of humor. Diogenes, using a unique rhetorical device, implements what we call laughter pedagogy, a way of conveying the school's philosophical principles by using comics. This article proposes an analysis and structuring of Diogenes' performance rhetoric through *χρεῖαι*.

**KEYWORDS:** cynicism; philosophy; comic; rhetoric; ethic.

*Recebido em: 09/06/2020*  
*Aprovado em: 09/11/2020*

---

\* Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO; Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO. Professor substituto de Filosofia no Instituto Federal Goiano. E-mail: georgefbborges@hotmail.com



*Convidai um sábio para um banquete, e vereis que ou conservará um profundo silêncio ou interromperá os demais convidados com frívolas e importunas perguntas. Convidai-o para um baile e ele dançará com a agilidade de um camelo. Levai-o para um espetáculo, e bastará o seu aspecto para impedir que o povo se divirta.*  
(ERASMO DE ROTERDÃ, 2002, p. 52)

Combinar humor e filosofia pode parecer, à primeira vista, complicado. Figura no senso comum uma intuição (justificável pela própria história da filosofia), que os filósofos negam o cômico e o riso. Como vimos na epígrafe acima, Erasmo de Roterdã (1466-1536) critica contundentemente o recolhimento exacerbado dos filósofos. Além deles não conseguirem se divertir, impedem que os outros se divirtam. Para ilustrar como a ética e a moral, duas atividades associadas a filosofia, são vistas como descoladas dos prazeres da vida, podemos usar uma parte da história do livro de quadrinhos de *Aline: cama, mesa e banho*. Aline vai fazer terapia e convida seu psiquiatra para tomar algumas cervejas. Ao passo que o psiquiatra responde: “Sinto muito, Aline! A ética profissional me impede de... fazer coisas gostosas!” (ITURRUSGARAI, 2000, p. 10). Mas essa crítica não é novidade. Alguns séculos antes, Luciano de Samósata (120-192 d.C.) já publicava livros fazendo observações muito similares. Na obra *Diálogo dos Mortos*, Luciano coloca um de seus personagens descrevendo pejorativamente um filósofo como alguém de aspecto altivo, venerável, sobranceiras eriçadas, barbas longas e perdido em meditações (LUCIANO, *Diálogos*, 10, 8), fazendo troça desse caráter quase divino que vários filósofos buscavam passar. E por mais que alguns filósofos e historiadores de filosofia tenham tentado cristalizar essas visões há uma escola filosófica, e um filósofo em particular que resistiu a todas elas – Diógenes de Sínope, o cínico (404-323 a.C.). Diógenes de Sínope é o principal expoente da escola cínica. Ele teria sido aluno de Antístenes, um seguidor de Sócrates bastante influente na época que a tradição considera como o fundador do cinismo (embora essa seja uma discussão ainda em aberto pelas datações e cronologia). Diógenes também foi mestre de outros cínicos, um deles é Crates de Tebas, um importante filósofo que foi mestre de Zenão, o fundador da grande escola estoica. Diógenes, como procuraremos apresentar brevemente é conhecido pelas suas atitudes desconcertantes. E é sobre o cinismo de Diógenes que nos ocuparemos nas próximas páginas: buscaremos explorar e estruturar um pouco da filosofia e de sua retórica performática.

Basta um breve fitar de olhos nas *χρεῖαι* de Diógenes compiladas na obra *Vida e Doutrina dos Filósofos Ilustres*<sup>1</sup> para percebermos que há algo especial. A língua portuguesa não possui uma palavra adequada para traduzirmos o termo grego *χρεῖαι*, que literalmente significa “útil”. Portanto, nesse caso é mais satisfatório fornecer uma definição ao invés de tentar a tradução dessa noção. As *χρεῖαι* são curtas histórias explicativas e, em geral, contém comentários. Ela pertencia ao *προγυμνάσματα*, sendo uma pequena vertente de exercícios que os oradores antigos deveriam treinar. O famoso retórico Quintiliano categoriza as *χρεῖαι* como “[...] divulgação, não como elementos para a eloquência.” (QUINTILIANO, *Instituição*, I, 9, 6) Embora todo esse gênero de *χρεῖαι* contenha trechos engraçados, o que encontramos no livro VI – o livro onde o compilador Diógenes Laércio discorre sobre a teoria e os filósofos cínicos – não é um acidente, algo circunstancial. As descrições das ações de Diógenes também são uma descrição da própria filosofia cínica. É através das mais absurdas, chocantes e surpreendentes ações que o Cão, como era conhecido, transmitia os princípios e os valores de sua corrente filosófica.

E é isso que há de especial em Diógenes: o cômico para ele se transformou em um recurso pedagógico, usado para exortar moralmente as pessoas. Este curto texto tem como objetivo apresentar ao leitor a *pedagogia do riso* de Diógenes de Sínope. Em que consiste essa pedagogia? Em uma retórica performática cômica, que dividiremos em três partes: 1) a verbal; 2) pantomímica; 3) híbrida. Todas essas três partes contém um conteúdo capaz de nos roubar boas risadas, dissolver a impressão de que a filosofia seja para pessoas sisudas e, principalmente, ao mesmo tempo, ensinar os princípios filosóficos da escola cínica.

### O cinismo por trás das cortinas

Diógenes de Sínope se notabilizou por algumas ações radicais, inesperadas e pouco convencionais. Alguns o conhecem como o homem do barril, por morar em um tonel (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, 6, 23); além disso, Diógenes também é conhecido pelas várias passagens em que enfrenta, com sua *παρρησία*<sup>2</sup>, Alexandre, o Grande

---

1 Obra de Diógenes Laércio, um dos mais famosos compiladores da antiguidade. Foi escrita no século III d.C.. É uma das grandes fontes para o estudo dos filósofos da antiguidade, embora nem sempre seja muito confiável. Assim, o livro constitui não só a exposição dos princípios de doutrinas das várias escolas filosóficas da antiguidade, mas também relatos sobre a vida desses filósofos.

2 O principal conceito da escola cínica. É uma noção quase intraduzível, mas pode significar algo próximo de “liberdade da fala” ou “liberdade da palavra”. Esse conceito condensa praticamente todos os princípios mais importantes da escola, como o pragmatismo, a verdade, a liberdade e a razão.

(DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, 6, 38; 6, 44; 6, 60; 6, 63; 6, 68)<sup>3</sup>; outros o conhecem como o filósofo da lanterna, por carregar uma lanterna em plena luz do dia no meio do mercado (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, 6, 41); Diógenes também se destacou por masturbar-se em praça pública (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, 6, 46; 6, 69), abraçar estátuas no inverno, rolar na areia quente no verão (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, 6, 23) e pedir esmolas para estátuas (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, 6, 49). Mas, sem dúvidas a mais famosa imagem que temos de Diógenes é a de Cão. Seus contemporâneos o chamavam assim por causa de seu estilo de vida: morar na rua, comer sobras de templos e da estrada e satisfazer as suas necessidades em público.

Embora esse apelido tenha um intuito pejorativo, ele não incomodava em nada nosso filósofo. “Durante um banquete algumas pessoas lançaram-lhe ossos como a um cão; levantando-se, o filósofo urinou sobre os ossos, como faria um cão.” (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, 6, 46) Diógenes urina no osso para absorver o impacto das críticas que sofria e assim, transformar o estilo de vida canino (κυνικός em grego, o termo cinismo, κυνισμός, está ligado a esse modo de vida) em algo digno para se orgulhar e se desejar. Conta-se que Alexandre ao encontrar com Diógenes disse: “Sou Alexandre, o grande rei”, ao passo que Diógenes respondeu: “E eu sou Diógenes, o cão.” (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, 6, 60)

O leitor menos familiarizado com a filosofia cínica pode ficar desconcertado com essas histórias e questionar (com certa razão): alguém que urina em público e vive como um cão foi levado a sério como filósofo? Sim. Platão, que representava a antítese do cinismo, compara Diógenes a Sócrates, chamando-o de “Sócrates enlouquecido.” (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, 6, 54) Essa descrição de Platão resume perfeitamente quem foi Diógenes, qual o tamanho de sua importância e o impacto de sua retórica performática. Diógenes é um filósofo com princípios, pensamentos e uma visão de mundo tão profunda a ponto de ser comparado com um dos maiores filósofos gregos – Sócrates, mestre de Platão e de tantos outros. Ao dizer isso, Platão legitima, em algum nível, as atitudes insanas de Diógenes. Ao mesmo tempo em que Platão o elogia reconhecendo estatuto de filósofo, Diógenes também é criticado: ele é um Sócrates, mas um Sócrates louco! Louco por causa de seu exagero, de suas ações descompassadas da

---

<sup>3</sup> Dentre essas destacamos a passagem em 6.38, que talvez seja a mais famosa: “Enquanto em certa ocasião o filósofo tomava sol no Cranêion, Alexandre, o Grande, chegou, pôs-se à sua frente e falou: “Pede-me o que quiseres!” Diógenes respondeu: “Deixa-me o meu sol!””. Diógenes também enfrentou outros governantes que ele considerava tiranos ou demagogos como Filipe II (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, 6, 43), Perdicas (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, 6, 44), Dionísios (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, 6, 50) e Demóstenes (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, 6, 34). Além disso o filósofo cínico criticava Platão por se associar ao tirano de Siracusa (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, 6, 24).

realidade de seus interlocutores. Então, que legitimidade filosófica pode ter um homem louco? Certamente nenhuma, mas tampouco Diógenes era louco. Por isso ele dizia mimetizar os instrutores dos coros, na medida “[...] estes dão o tom mais alto para que todos os outros dêem o tom certo.” (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, 6, 35) Ou seja, Diógenes exagerava o tom de suas exortações para causar impacto. Sabia que não era possível corrigir um mundo através de uma lógica, com argumentos formais, e optou por uma estética<sup>4</sup>. Assim, a sua retórica performática se alia com o cômico. Avner Ziv diz: “O que a comédia realmente faz é colocá-las [as coisas] embaixo de uma lente de aumento.” (ZIV, 1984, p. 41, tradução nossa)<sup>5</sup> Por trás todo exibicionismo sustentado pelo Cão há princípios filósofos que o norteiam e uma ideia clara de como transmiti-los. Por isso a escola cínica é uma perfeita expressão do σπουδαιογέλοιοι, sério-cômico.<sup>6</sup> E é isto que denominamos de pedagogia do riso – a predisposição e a intencionalidade de transmitir preceitos filosóficos e realizar exortações morais através de uma retórica performática cômica, que impacta seu interlocutor colocando, o seu mundo, de ponta-cabeça.

E isso não é nenhuma metáfora. Diógenes realmente queria reformular o mundo de seu interlocutor. E isso tem fundamento filosófico: o cinismo é uma escola famosa por se opor ao νόμος<sup>7</sup>, as convenções, preferindo a vida natural, κατά φύσιν<sup>8</sup>. É possível explicar todo o cinismo a partir dessa oposição entre φύσις e νόμος. Nesse sentido, discordamos da interpretação de Bosman (2006), ao afirmar em seu artigo que o cômico

---

4 Jacques Fontanille no artigo *Le Cynisme: du sensible au risible*, indica que Diógenes abriu mão da lógica para expor o pensamento filosófico da escola e investiu no humor (isto é, em uma estética). Esse abandono da lógica denota um “ato de descrença, uma dissuasão desesperada” (FONTANILLE, 1993, p.13, tradução nossa), gerado talvez pela morte de Sócrates, um grande paradigma de justiça e valores morais. Dizendo de outro modo, é como se os cínicos perguntassem: se Sócrates não conseguiu argumentar com os gregos quem conseguirá?

5 [No original] “What comedy really does is to place them beneath a magnifying glass.” (ZIV, 1984, p. 41).

6 Essa é uma discussão muito ampla. Cabe dizer apenas, para não deixar o leitor perdido, que o σπουδαιογέλοιοι cínico denota uma seriedade (σπουδαίον) no conteúdo e o cômico (embora o termo grego γελοῖον denote riso, traduziremos como cômico, que tem o riso como efeito) em sua forma. Melhor dizendo, há um método de dizer (γελοῖον) e uma mensagem (σπουδαίον), a combinação de ambos é o σπουδαιογέλοιοι.

7 O termo νόμος pode ser traduzido como lei formal, norma ou como costume/convenção social. Por muito tempo o νόμος grego tinha um caráter religioso, estando ligado a ordenação divina. Algo que muda com a secularização do pensamento e da política. Depois das reformas de Sólon (638 – 559 a.C.) e Clístenes (565 a.C – data da morte desconhecida) não havia mais espaço para a aristocracia, e a política secularizada representava “a separação irrevogável entre a dimensão política e sagrada” (VEGETTI, 2014, p. 78).

8 O termo κατά φύσιν é muito comum entre as escolas filosóficas da antiguidade, sobretudo do período helenístico. Como o período foi marcado por ascensões e quedas políticas, as escolas filosóficas tentava inculcar princípios de vida mínima para as pessoas, a fim de que mesmo sob condições adversas, elas pudessem aspirar a felicidade. Uma tradução possível para κατά φύσιν é de uma vida vivida naturalmente, sem grandes ambições, com simplicidade, onde o indivíduo encerra seus desejos na satisfação de necessidades básicas e naturais.

em Diógenes desempenha um papel “publicitário”, isto é, o cômico é um modo dos cínicos “venderem” sua filosofia rígida como algo mais atrativo.<sup>9</sup>

O choque entre essas duas esferas que não se recobrem tem como pano de fundo a εὐδαιμονία, felicidade<sup>10</sup>. Os cínicos acreditam que o objetivo para onde todos os esforços dos seres humanos convergem é a εὐδαιμονία<sup>11</sup>. Para atingir a εὐδαιμονία é necessário negar o νόμος, porque ele produz τῦφος<sup>12</sup>, isto é, uma espécie de ilusão que se apossa e engana a razão dos seres humanos, levando-os crer que a felicidade está em viver de acordo com certos padrões que a sociedade impõe. Assim, Diógenes se torna um grande crítico do νόμος dos valores dos gregos. Mas a crítica não fica no campo abstrato, apenas de discussões intelectuais. Diógenes materializa sua oposição e sua preferência pela natureza por meio de sua retórica performática – aquela que dissemos ser feita para chocar –, por isso ele se masturba na ágora. É uma forma de quebrar as esferas do público e do privado. Contudo essa postura de subverter e negar o νόμος não é um niilismo. Esse discurso e posicionamento radical, de negar valores de uma elite intelectual, política, econômica e militar, não significa que para o filósofo cínico não existem valores a serem promovidos. É preciso viver a vida racionalmente, por isso “Diógenes dizia constantemente que na vida necessitamos da razão ou então de um laço.”<sup>13</sup> (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, 6, 24) E viver a vida conforme a razão significa

---

9 Embora discordemos da conclusão de Bosman há várias ideias do autor que incorporamos em nossa análise. Podemos citar por exemplo a maneira com que Diógenes lida com o público. Bosman oferece uma interpretação valiosa, afirmando que Diógenes consegue achar o ponto certo, entre ser levado a sério e não ser desprezado por suas exibições cômicas e filosóficas (2006, p. 14).

10 Literalmente o termo εὐδαιμονία significa “bom” (εὖ) e “espírito/alma” (δαίμων). Para entendermos melhor esse conceito, precisamos voltar um pouco até Sócrates. Ele faz uma revolução na concepção de ser humano antes de fundar sua ética. Sócrates afirma que o centro do ser humano, a sua parte mais distintiva é sua alma (ψυχή) ou seu espírito (δαίμων). Portanto, para o ser humano alcançar a completude era necessário cuidar da alma (JAEGER, 2013, p. 520). Assim, ter uma alma (δαίμων) bem (εὖ) cuidada equivale a felicidade (εὐδαιμονία).

11 Os cínicos, assim, como os epicuristas, cirenaicos, cétricos, os peripatéticos e estoicismo, isto é, as grandes escolas do helenismo são eudaimonistas. Isso significa dizer que o bem supremo para o ser humano é a felicidade.

12 O conceito de τῦφος é muito rico. Em seu artigo *Notas sobre o sentido de τῦφος na tradição cínica*, Flores-Júnior oferece as duas perspectivas principais de uso no cinismo. O primeiro sentido de τῦφος está ligado a fumaça. Que por sua vez se conecta com a mitologia grega, com o monstro Tifeu, condenado a viver no Tártaro. O τῦφος causa dificuldade visual, o que simbolizaria, em um nível oral, uma falha no discernimento do agente. A segunda noção do τῦφος é como orgulho. Para nossos propósitos essa noção é bem interessante porque o orgulho é um importante objeto risível. Há algo de estúpido e ridículo naquele que se deixa dominar pelo τῦφος (orgulho). Vale notar que Platão e Diógenes trocam farpas, onde um acusa o outro de ser orgulhoso, isto é, de sucumbir ao τῦφος (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, 6.26). O τῦφος é tratado no cinismo a partir de uma perspectiva ética, podendo simbolizar fumaça, orgulho, loucura e auto-engano. Podemos também dizer que τῦφος é uma vaidade, uma doença, uma cortina de fumaça contra a realidade. Flores-Júnior resume bem: o τῦφος é uma fumaça que “mais do que ocultar a realidade, vai na verdade desfigurá-la [...]” (1999, p. 428).

13 Tradução de Mário da Gama Kury levemente modificada. O laço, para nos enforcarmos. É melhor morrer do que viver indignamente.

viver conforme a natureza, *κατὰ φύσιν*. Isso configura a tensão no cinismo, entre vida urbana, baseada no νόμος, e a vida natural, baseada na φύσις, na natureza humana autêntica – em última instância na razão.

Evidentemente o cinismo, como qualquer outra corrente filosófica, é complexo demais para resumirmos em apenas algumas páginas. Para os propósitos deste trabalho, acreditamos que a caracterização fornecida acima preenche bem as necessidades que o leitor tem para acompanhar a discussão principal de nosso artigo. Sendo assim, podemos compreender essa estruturação da retórica performática cômica como uma ferramenta para ajudar Diógenes a desenvolver a oposição entre φύσις e νόμος aos seus interlocutores, de modo a produzir um efeito imediato. Ele não exporá o conteúdo dos princípios cínicos em longos tratados filosóficos, com conceitos rebuscados e verdades transcendentais. Ele usará do humor para exortar seus interlocutores, de modo a tentar dissipar o τῦφος e reconduzi-los a εὐδαιμονία através da λόγος e da vida natural.

### **Estruturação em três partes**

Propomos fundamentalmente neste momento entender os aspectos mais técnicos da retórica cínica de Diógenes, e para tanto, oferecemos uma categorização própria de todas as χρεῖαι que aparecem em Diógenes Laércio em três grupos distintos, para começarmos a estruturar o processo pedagógico performático do Cão. Esses três grupos se referem ao modo, melhor dizendo, à forma como Diógenes buscou comunicar os princípios cínicos nas χρεῖαι, isto é, de maneira verbal, pantomímica ou híbrida.

Dentre as χρεῖαι e relatos que Diógenes Laércio nos traz em pouco mais de 20 páginas sobre Diógenes de Sínope, podemos identificar 226 curtas histórias divididas nos três grupos distintos citados acima. O grupo mais numeroso foi das χρεῖαι de curtas asserções verbais, onde verificamos que, das 226 histórias, 168 são dessa categoria, seguido por 34 χρεῖαι híbridas, isto é, que contém um conteúdo verbal e pantomímico e apenas 24 χρεῖαι pantomímicas, onde Diógenes preterindo a palavra usa seu corpo para filosofar, buscando inspiração em técnicas teatrais. Como são mais de 200 χρεῖαι analisadas, seria penoso para o leitor acompanhar toda análise pormenorizada. Então pensamos em proceder do seguinte modo: definiremos cada um desses três tipos de comunicação cínica e traremos os exemplos mais marcantes de cada uma delas.

## **Χρεια verbal**

Usando a principal fonte das χρεϊαι de Diógenes, o compilador Diógenes Laércio, fizemos um levantamento no qual as χρεϊαι verbais representam mais de 70 por cento das narrativas que chegaram até nós. Isso é muito significativo, porque mostra que apesar do imaginário que temos do filósofo desprezar a comunicação verbal, ele não a abandona, pelo contrário, faz dela seu carro chefe. E é claro, não podemos perder de vista, que Diógenes estava inserido em uma Atenas predominantemente voltada para a oralidade, a palavra λόγος, além de um conceito, designava uma ação sobre o outro: “[...] a Atenas Clássica era uma democracia baseada na palavra, no *lógos*, como ação sobre outrem.” (ANDRADE, 2002, p. 13) Isso mostra como a cultura era fortemente verbal e a relevância da oralidade.

Assim como Sócrates e os Sofistas, grandes inspirações para a escola cínica, Diógenes também prezava muito a oralidade mas, ainda assim, podemos ressaltar que o uso feito pelo filósofo cínico é bastante peculiar. Enquanto Sócrates usava o poder da oralidade com uma enorme carga de perguntas e os Sofistas a usavam através dos discursos, os enunciados de Diógenes são sempre enunciados muito curtos. Outra característica da oralidade na escola cínica são as asserções de Diógenes sempre atacando diretamente o ponto mais frágil da situação na qual está inserido, com a crítica e a seriedade filosófica encoberta por uma camada muito grossa de humor e escárnio. Assim, podemos definir essa categoria de “χρεϊαι verbais” como uma predileção de Diógenes em usar a comunicação oral.

Esses enunciados verbais podem ser feitos diretamente a um interlocutor, como quando Diógenes disse a um campeão dos Jogos Olímpicos, “eu venço homens, e tu vence escravos” (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, 6, 33), retirando desse vencedor toda a honra e glória de sua vitória. Ou quando, ameaçado de morte por Pérdicas, um importante general macedônico que sucedeu Alexandre, respondeu à ele de maneira debochada, como se dissesse: “Isso deveria me afugentar? Sua maior força é comparável com a dos insetos! Afinal, jogado no mundo como estou, qualquer coisa poderia me matar.” (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, 6, 44).

Diógenes também, quando inserido em um contexto que não o agradava de alguma forma, usava esses tiros curtos para criticar alguém ou alguma instituição, mas sem se dirigir diretamente a pessoa. Assim, fatigado por ver alguém ler um longo texto, Diógenes o critica, mas falando em direção ao público, caçoando laconicamente: “Coragem homens! Vejo a terra!” (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, 6, 38); ou quando “algumas pessoas elogiavam alguém que lhe havia dado uma coisa qualquer, Diógenes



comentou: ‘E não me louvais, a mim que mereci recebê-las?’” (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, 6, 62).

Além disso, Diógenes é retratado usando enunciados verbais para fazer apologia de algum tipo de valor ou ideia que visava inculcar em uma plateia ou no interlocutor, como quando violentamente teria afirmado que “na vida necessitamos da razão ou de um laço” (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, 6, 24), ou quando repreendeu Hegesias, por pedir-lhe os seus escritos, enquanto a sabedoria só poderia ser aprendida na prática (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, 6, 48), expressando um dos mais importantes valores da escola cínica: a preocupação com o concreto, com o real e com a ação.

Todas essas três categorias da *χρεία* verbal são muito pertinentes e significativas, mas enfatizamos principalmente a importância do terceiro tipo onde o enunciado é quase sempre propositivo. Enquanto nas duas primeiras categorias o que Diógenes faz é afirmar as ideias da escola, mas de modo negativo, nesse terceiro tipo a sua asserção é positiva, apresentando de maneira mais fundamentada algumas das bases do cinismo. Mesmo não desenvolvendo muito, afinal, o cínico sempre verá mais vigor em exemplificar do que apenas em explicar.

### **Χρεία pantomímica**

Esse vocabulário, isto é, chamar uma *χρεία* de pantomímica não é novidade nos estudos do cinismo. Importamos essa ideia de Peter Sloterdijk, que em sua grande obra, *Crítica da Razão Cínica*, faz referência ao modo cínico de saber usar o corpo para filosofar (SLOTERDIJK, 2012, p. 155). Por sua vez, Sloterdijk faz uso do conceito que é próprio do teatro. A pantomímica é uma arte do âmbito teatral que envolve um uso diminuto, quase nulo ou nulo, de comunicação verbal, onde os artistas usam apenas seu corpo, figurino, maquiagem e expressão facial para se comunicarem. Podemos rastrear a pantomímica até a Grécia Antiga, onde ela desempenhou um papel muito importante nos festivais dionisíacos.

Já falando da pantomímica na esfera do cinismo, as atribuições são praticamente a mesma, com exceção da maquiagem, que não há registro de uso por parte dos cínicos, vemos nos filósofos da escola uma inclinação grande em usar gestos e ações como forma de comunicação. É possível especular e formamos uma hipótese que explique um pouco a escolha por esse tipo de comunicação por parte dos Cínicos. Isso deriva desde o período de Antístenes, que como um homem e filósofo notável, influenciou muito Diógenes.

Antístenes desenvolveu duas proposições lógicas principais, a primeira aborda a impossibilidade de contradição, o que remeterá a ἄσκησις<sup>14</sup> na ética, e a segunda, que nos interessa para tentar entender o uso da pantomímica no cinismo é: “[...] a definição é impossível a menos que seja ostensiva [...]” (NAVIA, 1996, p. 64, tradução nossa)<sup>15</sup>. Ou seja, é impossível fazer qualquer tipo de predicação sobre alguma coisa, não sendo possível definir nada através de propriedades ou formas universais. Uma coisa só pode ser igual a si mesma, “[...] não pode ser incluída em uma categoria ou classe geral.” (NAVIA, 1996, p. 66, tradução nossa)<sup>16</sup> Navia explicita: “Assim, a fim de ‘definir’ uma coisa, devemos estar prontos para usar ‘o método do dedo’ e dizer: ‘Aqui está a coisa; é esta-coisa-aqui-agora e não pode ser qualquer outra coisa’” (NAVIA, 1996, p. 66, tradução nossa)<sup>17</sup>. Desse modo, Antístenes inaugurou, a tradição nominalista, mas um nominalismo lógico bem radical, dentro do cinismo.

Só o que interessa para os cínicos é o “concreto e imediato”. Essa posição forte de Antístenes explica muito bem o hiato entre os cínicos e Platão, que desde os tempos de Antístenes já era criticado pela a teoria das Formas. Segundo Rodier (1957), como consequência do nominalismo radical de Antístenes a filosofia cínica se tornou anti-científica e anti-especulativa, o que conduzirá a escola também para os rumos do anti-intelectualismo<sup>18</sup>. Desde Antístenes, a ética terá como única preocupação, não a teoria, onde se produz definições e lança princípios universais. A ética cínica se ocupa com um “modo de vida concreto e ostensivo”.

Citaremos um trecho que Navia ilustra as preocupações de Antístenes, mas que podem ser facilmente transferidas e identificadas em Diógenes de Sínope:

Para ele, portanto, as principais questões filosóficas não são: o que posso saber sobre o mundo? Ou qual é a estrutura do universo? Ou qual é a natureza da realidade? Ou mesmo, o que significa a existência humana? Mas sim qual é o melhor e mais racional caminho para eu me conduzir em um mundo que é cheio de confusão e ofuscação? (NAVIA, 1996, p. 66-67, tradução nossa)<sup>19</sup>

---

14 A noção de ἄσκησις é central para o cinismo. Esse conceito foi importado do vocabulário dos esportes e implementado na ética cínica. Assim, a ἄσκησις no cinismo remete a exercícios que visam um aprimoramento da virtude. Tais exercícios, como explica a tradição (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, 6, 70), podem ser divididos em físicos (σῶματος) e espirituais (ψυχικός).

15 [No original] “[...] that definition is impossible unless it is ostensive [...]” (NAVIA, 1996, p. 64).

16 [No original] “[...] cannot be subsumed under a general category or class” (NAVIA, 1996, p. 66).

17 [No original] “Thus, in order to 'define' a thing, we must be ready to use 'the finger method' and say, 'Here is the thing; *it is this-thing-here-now* and cannot be anything else'” (NAVIA, 1996, p. 66).

18 Por muito tempo se atribuiu ao cinismo uma postura anti-intelectual que culmina no primitivismo. Os principais porta vozes dessa posição são Arthur Lovejoy e George Boas (1997). No entanto, surgiram também correntes de interpretação alternativa. Jean-Marie Meiland (1983) é um dos que aproxima o anti-intelectualismo cínico ao materialismo da escola e seu caráter extremamente prático.

19 [No original] “For him, accordingly, the key philosophical questions are not what is it that I can know about the world? Or what is the structure of the universe? or What is the nature of reality? Or even what

Diógenes estava extremamente alinhado com esses propósitos inaugurados por Antístenes. Pode-se dizer que ele até acentuou alguns dos traços legados pelo filósofo socrático, como por exemplo, o tópico do anti-intelectualismo e da definição ostensiva, que o conduziram, segundo nossa hipótese, para a retórica pantomímica.

A pantomímica no cinismo também faz uso de um vestuário bem típico, ou um figurino, se quisermos usar o léxico das artes cênicas. Tal figurino que também pode ter sido inaugurado por Antístenes, como relata Diócles de Magnésia por meio de Diógenes Laércio é composto por (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, 6, 13): “um manto, um cajado e uma sacola.” Em outra oportunidade, Navia descreve com maior grandeza de detalhes o “figurino” dos cínicos, falando sobre o bastão, inspirado em Hércules, da sacola, onde ele carregava praticamente todas as suas posses, dos pés descalços, e dos cabelos longos mal cortados (NAVIA, 1996, p. 26).

Além disso, podemos observar também em uma das cartas apócrifas de Diógenes<sup>20</sup> ele narrando seu encontro com Antístenes e ele lhe dando os acessórios necessários para o estilo de vida cínica:

Depois que escolhi este caminho, ele tirou meu manto e minha túnica, me cobriu com um casaco velho e esfarrapado, e pendurou uma sacola no meu ombro, colocando nela pão, bebida, um copo e uma tigela. Ele prendeu um frasco de óleo e um raspador por fora, e também me deu um bastão. Fornecido com este equipamento, perguntei-lhe o porquê do casaco velho em mim. Ele explicou:

- Para que possas treiná-lo em tua formação em ambas as eventualidades: o calor ardente do verão e o frio do inverno.
- O que? -, eu disse. Não é apenas para uma das duas coisas?
- De jeito nenhum - ele respondeu. Isso traz alívio durante o verão, mas no inverno provoca mais sofrimento corporal do que uma pessoa pode suportar.
- Mas por que pendurastes a sacola em mim?
- Para que possas levar tua casa contigo em todos os lugares - explicou.
- E o copo e a tigela, por que os jogaste?
- Já que tens que beber e comer - ele disse -, use algum outro tempero se tu não tens mostarda.
- O frasco de óleo e o raspador, por que pendurastes ao lado?
- Um é útil para o trabalho duro - disse - e o outro para óleo e sujeira.
- Enquanto ao bastão, pra que serve? - perguntei.
- Para segurança - respondeu.
- Como usar?
- Da mesma maneira que os deuses usam, contra os poetas. (MALHERBE, 2006, p. 131, tradução nossa)<sup>21</sup>

---

does human existence mean?; but rather What is the best and most rational way for me to conduct myself in a world that is filled with confusion and obfuscation?” (NAVIA, 1996, p. 66-67).

20 Existem 51 cartas apócrifas que são atribuídas ao filósofo Diógenes de Sínope. Nós sabemos que elas são apócrifas através de vários estudos de especialistas como Boissonade (1818), Capelle (1896) e Marcks (1883). As cartas pertencem a vários autores diferentes e a sua datação várias do século II a.C. até o ano de 19 d.C., sendo incompatível com o tempo em que Diógenes viveu. Uma das principais hipóteses sobre essas cartas é que elas constituem um corpo literário com fins de fazer publicidade para o cinismo de Diógenes.

21 [No original] “And after I chose this road, he took of my mantle and tunic, put a double, coarse cloak around me, and hung a wallet from my shoulder, putting bread, drink, a cup, and a bowl into it. He attached

Nessa oportunidade, segundo a carta narra, Diógenes ao encontrar com Antístenes teria que escolher uma das opções: subir para a acrópole com um caminho longo, mas suave, ou um breve, mas íngreme e áspero. A escolha, funcionava como uma metáfora para saber se as pessoas que se candidatavam estavam prontas para seguir a vida cínica até a felicidade, Diógenes escolheu, naturalmente, o caminho árduo e assim Antístenes teria o equipado.

Não devemos nos deixar enganar por essa fama que o cinismo tem por sua inclinação a pantomímica. Segundo o levantamento que fizemos das 226 χρεῖαι contadas por Diógenes Laércio, apenas tímidas 24 tem teor exclusivamente pantomímico. Se considerarmos as χρεῖαι híbridas, que falaremos mais adiante, dado que elas também possuem o teor pantomímico, mas seguido ou precedido pela fala, o número de comunicações gestuais sobre de 24 para 58. Um número ainda bem discreto, afinal, os cínicos passaram a ser muito conhecidos justamente por esses gestos, na maioria das vezes eram chocantes. Inclusive, acreditamos que pelos gestos serem extremamente extravagantes criou-se uma falsa aparência no imaginário coletivo da retórica cínica girar muito em torno da pantomímica, foi reforçado pelas diversas aparições de Diógenes em obras literárias, infantis, contos e tragédias.

A despeito do número diminuto de χρεῖαι pantomímicas reconhecemos a importância e o caráter central que esse tipo de linguagem tem para o cinismo. Afinal, escolher a ação em detrimento da fala em diversas ocasiões diz muito sobre os princípios da escola filosófica, do filósofo e do tipo de reação que eles desejam despertar em seus interlocutores. Além do mais, a escolha do público geral em dar maior ênfase a essas histórias, reproduzindo-as em larga escala, demonstram também como os cínicos, sobretudo Diógenes de Sínope, foram assertivos em praticar esse uso da linguagem.

---

an oil flask and a scraper on the outside of it, and gave me a staff too. Furnished with this equipment, I asked him why he put a double, coarse cloak on me. He explained, "So that I might assist you in your training for both eventualities: the burning heat of summer and the cold of winter."

"What?" I said. "Did not the single one do this?"

"Not at all," he replied. "It does bring relief during the summer, but in the winter it causes more bodily hardship than a person can put up with."

"But why did you put the wallet around me?"

"So that you might carry your house with you everywhere," he explained.

"And the cup and bowl, why did you throw them in?"

"Since you have to drink and use an appetizer," he said, "some other appetizer if you don't have mustard."

"The oil flask and scraper why did you hang them alongside?"

"The one is useful for hard work," he said, "the other for oil and dirt."

"The staff, what is that for?" I asked.

"For security," he answered.

"How's that?"

"For what the gods use it, against the poets." (MALHERBE, 2006, p. 131).

Desse modo, podemos concluir que a impressão que temos de que as *χρεῖαι* pantomímicas compõe a maior parte do repertório cínico parte principalmente dos interlocutores e estudiosos ao darem maior peso para esse tipo de comunicação, e praticamente canonizarem este modo discursivo como o grande mote de transmissão da escola cínica.

Depois de tanto palavrório, vamos finalmente ver alguns exemplos de *χρεῖαι* pantomímicas do cinismo de Diógenes. Um dos mais famosos relatos sobre o Cão envolvendo apenas gestos é quando Diógenes Laércio informa que “no verão ele rolava sobre a areia quente, enquanto no inverno abraçava as estátuas cobertas de neve [...]”, e no final dando a explicação para tais ações, “[...] querendo por todos os meios disciplinar-se completamente [...]” (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, 6, 23). Outro episódio muito famoso, seguindo a mesma linha do primeiro, onde Diógenes, praticando a *ἄσκησις*<sup>22</sup>, almejava acostumar-se com as dificuldades foi quando o filósofo “[...] caminhava sobre a neve de pés descalços [...]” (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, 6, 34). Também vemos nas *χρεῖαι* pantomímicas a expressão de alguns fundamentos do cinismo clássico, como quando Diógenes “levantou-se e começou a caminhar” a fim de responder a alguém que afirmou que o movimento não existia (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, 6, 39), expressando assim o contraste cru da lógica abstrata que possibilita o desenvolvimento desse tipo de teoria, com a legitimidade do concreto, que permite lhe responder um sofisticado argumento apenas com suas duas pernas. Por fim, não podemos nos esquecer de um dos episódios mais notáveis de Diógenes, quando ele ratificou seu apelido de Cão: “Durante um banquete algumas pessoas lançaram lhe ossos como a um cão; levantando-se, o filósofo urinou sobre os ossos, como faria um cão.” (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, 6, 46)

### **Χρεῖα híbrida**

Agora falaremos um pouco das *χρεῖαι* híbridas. A própria palavra sugere o sentido que tentamos empregar: vem do latim “*hybrida*”, uma mestiçagem, mistura de raças (romanos com asiáticos, por exemplo) ou designando filhos de pais diferentes (bastardo) (TORRINHA, 1948, p. 387). Usando a palavra híbrida no sentido vocabular, no caso de nosso texto, o hibridismo das *χρεῖαι* de Diógenes está na intersecção da comunicação verbal e da comunicação pantomímica, explicitadas nas páginas anteriores.

---

22 Cf. nota 15.

Em termos de estrutura e conteúdo, as *χρεῖαι* híbridas são tão ricas quanto as duas primeiras categorias. Ela é composta pela estrutura simples de gestual-verbalização. Ou seja, vemos Diógenes fazer algo e em seguida verbalizar de alguma forma, de maneira a, ou justificar a ação, ou acentuar a própria ação, ou até mesmo dar um significado a ação. Muitas vezes, justamente por Diógenes pairar sobre os contextos e as situações, é difícil determinar se ele está justificando, acentuando, ou significando algo em suas frases, por conta da ambiguidade de suas palavras, que produz em larga escala um efeito cômico.

Para ilustrar as *χρεῖαι* híbridas, podemos usar o exemplo da *χρεῖα* que Diógenes se masturba no mercado. Depois de se pôr aos serviços de Afrodite, Diógenes diz: “Gostaria que se, esfregando também o estômago, a fome passasse!” (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, 6, 46)<sup>23</sup>. Podemos ver essa frase como uma maneira de justificar a ação: ele estava excitado, por isso se masturbou. Também podemos vê-la como acentuação: ao dizer *como* se masturbou, isto é, *se esfregando*, Diógenes não só *faz*, mas dá prosseguimento à sua ação explicando *como fez*. Isso sem mencionarmos as lições que a própria ação isolada da frase seguinte nos ensina. Ao pensarmos no contexto, desconsiderando todos os elementos que não são informados, como a data da *χρεῖα*, e elegermos apenas um aspecto do contexto, informado pelo próprio compilador Diógenes Laércio, saberemos que o Cão foi bastante ousado. Ora, Diógenes se masturbou na praça do mercado, também chamada ágora. Sem entrar na história das tradições gregas, sabendo apenas a localização espacial da praça naquela Atenas, já é possível perceber o tamanho da afronta: a ágora era um espaço público localizado nas regiões mais baixas de Atenas, de onde era possível observar os grandes monumentos políticos, como a Acrópole<sup>24</sup>, o Aerópago<sup>25</sup> e a Pnyx<sup>26</sup>.

O que isso significa? Que Diógenes estava a vista não só daqueles homens que frequentavam o mercado, mas se masturbou para toda a camada política e aristocrática de Atenas. Assim sendo, podemos dizer que apenas com a ação, mesmo escatológica Diógenes já poderia ter dito muita coisa, sobretudo em relação a questões referentes aos

---

23 Tradução de Mário da Gama Kury levemente modificada.

24 Construída no ponto mais alto da cidade, que servia anteriormente para observar a aproximação de possíveis invasores, a Acrópole foi erguida por Péricles (c. 495-429 a.C.) por volta de 450 a.C.. De maneira geral, podemos dizer que a Acrópole foi um conjunto de prédios públicos que reuniu 21 construções, dentre templos e teatros.

25 Outro monumento localizado um pouco mais acima da cidade, em um local de mais destaque: o Areópago vem do grego antigo “Colina de Ares”, deus da guerra. No Areópago o conselho grego ateniense deliberava em grandes reuniões.

26 Pnyx, estabelecida em uma alta colina foi outro ponto político importante da antiga Atenas. Havia uma assembleia chamada de Eclésia (constituída pelos homens livres de Atenas) que se encontravam ali para dar seguimento ao processo democrático ateniense.

costumes gregos, cristalizados pela elite para qual ele se expõe. Para finalizar a pequena análise que fizemos dessa *χρεία* híbrida, essas poucas palavras que deram forma apenas a uma de várias outras tantas interpretações que apenas essa *χρεία* pode suscitar, como a questão da esfera público-privada e o apelo à natureza, permanentemente presentes em Diógenes de Sínope.

Para continuar a exemplificar, também podemos citar alguns famosos episódios de Diógenes, como quando ele carregou a lanterna acesa durante o dia e afirmou procurar um homem (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, 6, 41), ou quando explicou porque pedia esmolas para uma estátua: “Estou praticando fracassar” (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, 6, 49)<sup>27</sup>, ou até mesmo quando levou uma galinha depenada para Platão afirmando que aquilo era o homem, segundo a sua definição (de bípede implume) (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas*, 6, 40).

Em resumo, em uma *χρεία* híbrida, mesmo muito curta, podemos encontrar vários elementos extremamente relevantes, tanto para a filosofia cínica, quanto para tentarmos entender a persona bem humorada e excêntrica que foi Diógenes de Sínope, e também conseguimos encontrar contribuições para o estudo do humor – e tudo isso emerge em apenas uma e mesma coisa, na retórica do riso, praticada por Diógenes.

## Conclusão

Nosso pequeno trabalho visa dialogar com duas questões principais. A primeira, apresentada ainda na introdução do texto refere a uma filosofia com aspectos cômicos. O cinismo dissipa a ideia de que o filósofo é sempre a figura séria, presa em pensamentos transcendentais. A segunda questão refere-se diretamente aos desafios impostos pelas anedotas para os pesquisadores que desejam aprofundar tanto na teoria quanto na retórica cínica. A maneira a qual as *χρεῖαι* foram compiladas não oferece grande sistematização, além de serem, segundo sua própria definição, histórias muito curtas, dificultando uma contextualização mais ampla e necessária para a interpretação.

Para tanto, trazemos uma estruturação referente ao modo como podemos entender as ações de Diógenes de Sínope nas *χρεῖαι* – como ele usa o corpo, como se porta ao exortar moralmente um interlocutor, suas curtas asserções verbais. Acreditamos que entender a disposição e a maneira a qual o filósofo se comunica contribui bastante para decifarmos outros elementos em investigações posteriores, tais

---

<sup>27</sup> Tradução de Mário da Gama Kury modificada.

como para quem Diógenes fala, porque ele fala com aquele público e quais são os usos de suas estratégias retóricas.

## Referências

ANDRADE, Marta Mega de. *A Vida Comum: Espaço, cotidiano e cidade na Atenas Clássica*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002.

BOISSONADE, Jean François. *Notices des lettres inédits de Diogène le Cynique*. Notes et extraits des MSS. de la Bibliothèque Nationale X: Paris, 1818.

BOSMAN, Philip. Selling cynicism: The pragmatics of Diogenes' comic performances. *Classical Quarterly*, Cambridge, vol. 56, 2006.

CAPELLE, W. *De cynicorum epistulis*. 1896. 76 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Filosofia) – Academia Georgia Augusta, Göttingen, 1896.

DIÓGENES LAÉRTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução de Mário G. Kury. Brasília: Editora UnB, 2008.

ERASMO DE ROTTERDAM. *Elogia da Loucura*. Tradução de Paulo M. Oliveira. São Paulo: Atena Editora, 2002.

FLORES-JÚNIOR. Notas sobre o sentido de *typhos* na tradição cínica. In: Mendes, E.A.M.; Oliveira, P.M.; Benn-Ibler, V. (Org.). *Revisitações*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1999, p. 421-429.

FONTANILLE, Jacques. Le cinisme: du sensible au risible. *Humour & sémiotique*, n. 4, p. 9-26, 1993.

ITURRUSGARAI, Adão. *Aline: cama, mesa e banho*. São Paulo: Devir, 2000.

JAERGER, Werner. *Paideia: a formação do homem grego*. Tradução de Arthur M. Parreira. São Paulo, WMF Martins Fontes, 2013.

LOVEJOY, Arthur O. & BOAS, George. *Primitivism and Related Ideas in Antiquity*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1997.

LUCIANO DE SAMÓSATA. *Luciano [1]*. Tradução de Custódio Magueijo. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

MALHERBE, A.J (org.). *The Cynic Epistles: A Study Edition*. Trad. Benjamin Fiore; Ronald Hock; Anne McGuire; Stanley Stowers; David Worley. 3.ed. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2006.

MARCKS, Ioannes Fridericus. *Symbola Critica Ad Epistolographos Graecos*. 1883. 62 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Filosofia) – Universitas Fridericia Guilelmia Rhenana, Bonn, 1883.

MEILLAND, Jean-Maire. L'anti-intellectualisme de Diogène le Cynique. *Revue de théologie et de philosophie*, v. 115, p. 233-246, 1983.



NAVIA, L. E. *Classical Cynicism: A critical study*. Westport, Connecticut and London: Greenwood Press, 1996.

QUINTILIANO. *Instituição Oratória*: Tomo I. Tradução de Bruno Fregni Basseto. Campinas: Editora Unicamp, 2015.

RODIER, G. Antisthenes. In: FESTUGIÈRE, André-Jean (org.). *Études de philosophie grecque*. Paris: J. Vrin, 1957, p. 25-36.

SLOTERDIJK, Peter. *Crítica da razão cínica*. Tradução de Marco Casanova, Paulo Soethe, Pedro Costa Rego, Mauricio Mendonça Cardozo, Ricardo Hiendlmayer. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

TORRINHA, Francisco. *Dicionário Latino Português*. Porto: Gráficos Reunidos, LDA, 1948.

VEGETTI, Mário. *A ética dos Antigos*. Tradução de José Bortolini. São Paulo: Editora Paulus, 2014.

ZIV, Avner. *Personality and Sense of Humor*. New York: Springer Publishing Company, Inc, 1984.